

QUERO SER MAIS MENOS – MAIS DE DEUS, MENOS DE MIM



"[24] *Pela fé Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, [25] preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum tempo. [26] Por amor de Cristo, considerou a desonra riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a sua recompensa.*" (Hebreus 11.24-26 – Nova Versão Internacional)

O tema da presente reflexão é relevante, sugestivo e, principalmente, provocativo. Mais que símbolos matemáticos, o assunto aborda o nosso comportamento no dia a dia, as nossas escolhas e decisões. Mas acima de tudo, o

referido tema se trata de uma confissão. Como sabemos, a confissão que não é fruto da realidade presente no coração, não passa de uma mentira. Portanto, ao refletirmos sobre o tema em questão, é necessário que toda a hipocrisia e falsos discursos sejam postos de lado.

Ao conjugarmos o verbo “querer”, não expressamos apenas o desejo, o interesse, a aspiração em relação a algo ou alguém. O verbo envolve, principalmente, **ter mente como objetivo primordial uma meta a ser alcançada**. Em outras palavras, “querer”, do grego θέλω (*thélō*), significa “*estar plenamente resolvido ou determinado*”. Não se trata de uma simples vontade. Mas de uma decisão tomada de forma consciente e irrevogável. A ideia de “querermos ser mais menos” vai muito além de alimentarmos aquilo que é o ideal e está presente nas conjecturas do nosso pensamento. Querer algo, no sentido bíblico do termo, expressa “a vontade que procede da inclinação do coração”. Denota a resolução ativa, a vontade que encoraja a ação, como alguém que vai e se casa, em vez de apenas pensar e desejar o casamento.

Portanto, quando dizemos que “queremos ser mais menos” – mais de Deus e menos de nós mesmos, o que de fato afirmamos é que **o nosso compromisso com Deus vai além do discurso** bem elaborado, além da suntuosidade ou eloquência das nossas palavras, além das teorias do que é bom e correto. Implica demonstrar na prática da nossa vida cotidiana que, de fato, não somos mais nós quem vive, mas é Cristo quem vive em nós. E essa vida que vivemos agora no corpo, vivemos pela fé no Filho de Deus, que nos amou e se entregou por nós (cf. Gálatas 2.20). Sendo assim, **o desejo de Deus é que frases de efeitos saiam da abstração e se tornem concretas em nossa vida e através dela**.

A Epístola aos Hebreus é mais do que uma carta. É um tratado, uma aliança entre o Senhor Jesus e as pessoas pelas quais Ele se sacrificou. O autor da epístola é desconhecido, mas seu objetivo é claro. Mantendo-se rigidamente dentro do contexto e das imagens do Antigo Testamento, o autor

demonstra que a antiga revelação de Deus aos hebreus aponta diretamente para Cristo, o Filho de Deus, que se tornou verdadeiro ser humano e sofreu para fazer dos seres humanos os filhos espirituais de Deus. Uma vez que Cristo serviu com qualidade sacerdotal e expiou os nossos pecados (cf. Hebreus 2.5-18), compete a todo ser humano alcançado pela Graça de Deus, responder ao sacrifício de Cristo com arrependimento e fé.

Para o autor de Hebreus, ao homem só existe um único caminho de salvação: reconhecer a voz de Deus no Evangelho, reconhecer Cristo como o objeto e cumprimento do Antigo Testamento, e, sem hesitar, colocar a confiança nEle, somente nEle, e a partir de aí querer ser mais menos – mais de Deus e menos de si mesmo.

No contexto da passagem bíblica citada inicialmente, o autor da Epístola descreve a vida de fé que ele espera que seus leitores assumam e explica como essa fé se expressa em nosso viver diário. Para ilustrar sua mensagem, o autor faz menção de algumas ações realizadas por homens e mulheres considerados por ele como exemplos de fé, nuvem de testemunhas da ação de Deus no decorrer da história (cf. Hebreus 12.1).

Dentre as pessoas citadas pelo autor da Epístola aos Hebreus, está Moisés. Como “filho da filha do faraó” (v. 24), Moisés era sucessor em linha reta do trono do Egito – a maior e mais poderosa nação daquela época. Mas ao contrário do que todos esperavam dele, Moisés abriu mão de seu direito àquela futura herança e fez sua opção preferencial pelo povo escravo de seus pais, valorizando mais as promessas de Deus do que os tesouros terrenos (v. 25).

Quando se negou a aceitar a sua posição na corte egípcia, Moisés escolheu ser mais menos. Ser mais de Deus e menos de si. Na passagem bíblica o autor demonstra que a chave da vitória e do sucesso ministerial de Moisés foi a fé que ele tinha na promessa messiânica – o que para ele serviria como recompensa (v. 26).

Embora Deus – o objeto da nossa fé – não seja visível, a Sua presença tem um impacto vital sobre a nossa vida e caráter. A fé verdadeiramente produz em nós resultados luminosos. É pela fé que obtemos mais de Deus, o que, em consequência, resulta menos de nós. **A fé transforma nossos valores e orienta nossas escolhas nos momentos de decisão.** É pela fé que ocorre no nosso “esvaziamento”. Um dos conceitos bíblicos para o verbo “esvaziar” é “manter faminto” (cf. Habacuque 1.17). Esvaziar-se é tornar-se totalmente faminto por Deus, pela Sua poderosa presença, pelo agir do Seu Espírito.

Através da fé a nossa autossuficiência é drenada e a nossa dependência de Deus ocupa lugar de destaque. Ter fé é mais do que confiar que Deus existe. Ter fé é conhecer a Deus, não somente como fonte do poder, mas também como a Pessoa que ama e cujo amor constrange os Seus amados e os atrai até Ele. Nos esvaziamos quando entendemos o tamanho do amor do sacrifício de Deus por nós.

Quem reconhece o poder de Deus, O teme e O reverencia. Mas quem conhece a natureza amorosa da pessoa de Deus, se “esvazia”, para que possa ser preenchido por esse amor intenso, genuíno, transformador. Moisés conhecia a grandeza do amor de Deus. De maneira que não era sem razão que “*o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo*” (cf. Êxodo 33.11).

A fé que procede da relação amorosa entre Deus e o ser humano apaixonado por Ele possui algumas marcas concretas, visíveis, capazes de esvaziar o coração e, a exemplo de Moisés, nos fazer entender os verdadeiros conceitos que nos envolvem quando afirmamos querer ser mais menos – mais de Deus, menos de si. Que conceitos são esses? Eles estão presentes no contexto de três verbos aplicados por Moisés em sua vida. Vejamos:

Querer ser mais menos é recusar-se a si mesmo – “[*Moisés*] recusou ser chamado filho da filha do faraó” (v. 24). Na passagem bíblica o verbo “recusar” envolve a ideia de “desconsiderar os próprios interesses”, “agir de modo inteiramente diferente em relação a si mesmo”, “não aceitar algo oferecido”. Para ser mais menos, Moisés recusou todas as posições, títulos e honrarias que receberia da parte dos homens, para ser quem ele era no coração de Deus. Fé abrir mão da vontade pessoal e obedecer a Deus de forma continuada. É olhar além das circunstâncias presentes em direção a um futuro moldado pela boa, agradável e perfeita vontade de Deus (cf. Romanos 12.2).

Querer ser mais menos é preferir a ofensa dos homens a viver em pecado – “[*Moisés*] preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum tempo” (v. 25). No texto bíblico o verbo “preferir” possui o sentido de “tomar para si”. Moisés se considerou feliz em se tornar parte de uma comunidade de oprimidos, em um mundo que se rebela contra Deus. Se as pessoas ao nosso redor nos honram ao mesmo tempo em que blasfemam de Deus, algo em nossa conduta de vida está errado. Está claro no texto que o pecado gera em nós prazer, através da possessão da mente cuja consciência se encontra anestesiada. Porém, **pecar é desfrutar de uma vantagem imoral de curta duração, mas que produz consequências eternas.**

Querer ser mais menos é considerar o estilo de vida do cristão maior do que os prazeres e seduções do mundo contemporâneo – “[*Moisés*] considerou a desonra riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a sua recompensa” (v. 26). Neste versículo o verbo “considerar” expressa a ideia de “definir-se sobre determinada coisa”. Moisés foi fiel na condição de marginalizado. Para ele, o fato ser menosprezado com os demais hebreus, era sinal de que estava no caminho certo da conquista da recompensa futura. O sistema de valores de Moisés estava baseado em grande parte na sua habilidade de olhar para o futuro. Na passagem bíblica, o verbo “contemplar” indica “desviar o olhar de todos os outros objetos e olhar para um único, de forma fixa e séria”. O segredo de escapar do encanto sedutor do mundo é olhar tão longe para o futuro a ponto de perceber a duração e consequência daquilo que seduz.

Ao esvaziar-se, pela fé, Moisés foi capaz de perceber os verdadeiros problemas da vida. Na superfície parecia que ele estava escolhendo entre dor e prazer, mas, na realidade, era entre piedade e pecado. Superficialmente, parecia ser uma escolha entre sua mãe e a filha de Faraó, mas, na realidade, era uma escolha entre Cristo e o mundo. Parecia que ele estava escolhendo entre pobreza e os tesouros do Egito; mas, na verdade, era uma escolha entre céu e terra. Parecia uma escolha entre o deserto e o trono; mas, na realidade, era entre a imortalidade e o esquecimento.


A aplicação do tema da presente reflexão, “querer ser mais menos”, implica no ato de alguém esvaziar-se de si mesmo, isto é, produzir no interior do coração um vazio acompanhado por uma fome espiritual incontornável, com único objetivo: ser saciada por Deus, pelas coisas concernentes ao Reino de Deus. Porém, esse ato só é genuíno, verdadeiro, quando ele envolve decisão, entrega, compromisso. Somente quando o nosso volume interno diminui é que o volume de Deus em nós aumenta.

Portanto, esvaziar-se não é possuir vazamento (algo que acontece involuntariamente). Esvaziar-se é eliminar conscientemente os espaços outrora ocupados por pensamentos maliciosos, ensinamentos enganosos, julgamentos errôneos, e até mesmo a fé professada, mas desacompanhada de obras. Ainda assim, o nosso maior problema não é a necessidade de esvaziamento. Mas a nossa permissividade de sermos cheios de tudo o que é contrário ao projeto de Deus para nós.

Na lei da termodinâmica, quando uma parte de um sistema fechado interage com outra parte, a energia tende a dividir-se por igual, até que o sistema alcance um equilíbrio térmico. Em outras palavras, o calor flui espontaneamente de um corpo quente para um corpo frio. Analogicamente, podemos afirmar que não é o frio (mundo) que entra em nós. Mas o calor (virtudes espirituais) que sai. **Não haveria necessidade de nos esvaziarmos se, em nosso interior, houvesse espaço apenas para Deus.**

Portanto, somente quem consegue ser “mais menos” é capaz de perceber a superioridade dos valores morais e espirituais sobre os prazeres temporais e carnis. Somente quem tem “mais de Deus e menos de si” está certo de que os valores duradouros estão do lado de Cristo e do povo de Deus. Gente assim, escolhe renunciar a uma vantagem passageira para obter um ganho permanente.

Por fim, será de grande valia meditarmos nas palavras do apóstolo Pedro que, em sua primeira epístola, escreveu: “Portanto, uma vez que Cristo sofreu na carne, armai-vos também desse mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne já está livre do pecado; para que, no tempo que ainda vos resta na carne, não continueis a viver para os desejos dos homens, mas para a vontade de Deus. Porque basta que no tempo passado tenhais cumprido a vontade dos gentios, andando em libertinagem, prazeres, embriaguez, orgias, bebedeiras e idolatrias repulsivas. Eles acham estranho que não vos juntais a eles na mesma carreira desenfreada de licenciosidade e vos difamam” (1Pedro 4.1-4).

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 09/08/2015, no congresso promovido pelo ministério de jovens e adolescentes da Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha.